



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[affectio@antares.udea.edu.co](mailto:affectio@antares.udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
ISSN (versión impresa): 2215-8774  
Colombia

2015  
Paulo Eduardo Viana Vidal  
**SINTOMA E INVENÇÃO NO CASO PEQUENO HANS DE FREUD**  
Revista Affectio Societatis, Vol. 12, N.º 23, julio-diciembre de 2015  
Art. # 12 (pp. 173-179)  
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

# SINTOMA E INVENÇÃO NO CASO PEQUENO HANS DE FREUD

*Paulo Eduardo Viana Vidal<sup>1</sup>*  
Universidade Federal Fluminense, Brasil.  
*paulo Vidal@id.uff.br*

## Resumo

Como tentaremos mostrar no artigo, resultado inicial de uma pesquisa sobre o sintoma em Freud e Lacan, o caso Pequeno Hans de Freud, publicado há mais de cem anos, nos ensina como um sujeito cujo mundo desabou e que se acha tomado pela angústia, pode inventar, brincar com os fragmentos que lhe restam um sintoma que reorganize para si um mundo vivível.

**Palavras chave:** Pequeno Hans, sintoma, invenção.

## SÍNTOMA E INVENCION EN EL CASO JUANITO DE FREUD

### Resumen

Como intentaremos mostrar en el artículo, resultado inicial de una investigación sobre el síntoma en Freud y Lacan, el caso Juanito de Freud, publicado hace más de cien años, nos enseña cómo un sujeto cuyo mundo se desmoronó y que se haya tomado por la angustia, puede inventar, brincar con los fragmentos que le quedan, un síntoma que reorganice para sí un mundo vivible.

**Palabras clave:** Juanito, síntoma, invención.

## SYMPTOM AND INVENTION IN FREUD'S CASE STUDY OF LITTLE HANS

### Abstract

As we will try to show in the article, initial result of a research on the symptom in Freud and Lacan, Freud's case study of Little Hans, published over one hundred years ago, teaches us how a subject whose world collapsed and who is taken by anguish, can invent, rig up with the remaining fragments a symptom that reorganizes for himself a liveable world.

**Keywords:** Little Hans, symptom, invention.

## SYMPTÔME ET INVENTION DANS LE CAS DU PETIT HANS DE FREUD

### Résumé

Cet article constitue le premier résultat d'une recherche sur le symptôme chez Freud et chez Lacan. Il a pour but de démontrer que le cas du petit Hans de Freud, publié il y a plus de cent ans, nous enseigne comment un sujet dont le monde s'est effondré et a été pris par l'angoisse, peut inventer, bricoler, avec les morceaux qui lui restent, un symptôme l'aidant à réorganiser un monde où il peut vivre.

**Mots-clés:** Petit Hans, symptôme, invention.

*Recibido: 24/10/14*

*Aprobado: 02/12/14*

<sup>1</sup> Psicanalista, doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ e professor da graduação e pós-graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Há pouco mais de cem anos, Freud, que fora capaz de ouvir as histéricas, publicou *Análise de Uma Fobia em Um Menino de 5 Anos* (1909/2006), livro no qual dá a palavra para uma criança de quatro anos e meio, cujos ditos e histórias registra e considera precisa, cuidadosamente. O caso desse menino que Freud nomeia Hans, supomos que por alusão ao conto de Grimm *Hans im Glück, Joãozinho Sortudo*, corroboraria amplamente as teses expostas nos *Três Ensaios para Uma teoria da sexualidade* (1905), obra na qual o fundador da psicanálise desconstrói o catálogo das perversões, montado pouco tempo antes pela medicina legal, mostrando que a criança é um perverso polimorfo, lábil, de tal forma que as perversões existem como possibilidade em cada sujeito.

Logo no início do Caso Hans, escreve Freud que, tão incontroversa para um psicanalista quanto estranha para um não analista, tal hipótese da existência da sexualidade infantil, inferida dos sintomas neuróticos dos adultos, não deixa de suscitar num psicanalista a vontade de uma comprovação direta. Com este objetivo, tinha ele solicitado a discípulos e amigos que lhe endereçassem relatos da observação ao vivo da sexualidade das crianças.

Por que Freud demanda provas, observações diretas da atividade sexual das crianças? Digamos que, para além da confirmação da teoria, se trata para ele em 1909 de dar um passo, cruzar uma fronteira. Cessada a correspondência com Fliess, que acompanhou o surgimento da psicanálise com a *Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud agora se dirige a Jung e ao grupo suíço, a aposta é fazer com que a nova teoria ultrapasse as fronteiras do gueto judaico e vienense, de que atinja outro público, trafegue num circuito mais amplo.

Ao apelo do inventor da psicanálise — mandem por favor observações diretas sobre a sexualidade infantil —, responde o pai do menino Hans, cuja mãe não por acaso tinha sido paciente de Freud. Contudo, logo os relatórios eventuais do pai cedem lugar a um apelo, um SOS: querido professor, envio mais dados sobre Hans, só que infelizmente desta vez material para um caso clínico: ele tem medo de que um cavalo o morda na rua.

De canal para coleta de observações, o dispositivo se transforma numa análise por carta, semanalmente endereçada agora, que põe em cena um quarteto: Freud, Hans, seu pai e sua mãe. Quem é o analista nesse dispositivo? Freud encontrará apenas uma vez Hans, mas fará uma interpretação decisiva, sobre a qual retornaremos.

Para nos guiarmos nos labirintos do caso, tomaremos como referência a sentença com a qual Freud encerra o capítulo história do caso e análise: “[...] nosso jovem pesquisador pode relativamente cedo fazer a experiência de que todo saber é feito de pedaços e de que cada passo deixa um resto não resolvido”

(1909/2006, p. 107). A frase capta muito bem o fato de que Hans, por meio de uma célere elaboração fantasmática, procura dar conta de suas questões inventando incansavelmente um saber que toma por base os fragmentos, os cacos de que dispõe. Na caracterização de Lévi-Strauss (1989) para a atividade mítica, o garoto é um *bricoleur*, alguém que faz uso para suas construções do material que tem à mão, por mais heteróclito que seja. Influenciado pelo artigo *A Estrutura dos Mitos*, também de Lévi-Strauss (1970), Lacan (1956-7/1995) postulará que Hans se livra da fobia empregando determinados elementos imaginários (cavalos, trens, crianças etc.) num exercício lógico simbólico.

Se uma pesquisa parte do não saber para o saber, a investigação de Hans procede do abalo sofrido pela sua *Weltanschauung*, sua concepção de mundo, fundada como se achava no princípio de que todos os seres têm falo. Entregue primeiramente a um jogo de engano no qual se oferece como falo para a demanda materna, o mundo de Hans foi sacudido pela intrusão do outro real, a irmã, e pela irrupção do pênis como órgão de gozo. O pênis real não é o falo imaginário, uma vez descoberta a diferença entre a a demanda da mãe e aquilo que ela chama de porcaria, Hans é desfalicizado, um abismo enigmático se abre para ele, quebrando a coerência da sua fantasia: se torna possível a impossível satisfação da mãe, mãe insaciável, devoradora que é figura central do caso.

No jogo de engano da relação fálica entre Hans e a mãe, o pênis real introduzirá a angústia, que não engana. Parte ainda não localizável, encaixável pelo menino num todo, este não é uma aparência enganadora, mas uma potência enigmática quanto ao seu alcance. Do todos têm, passamos para se pelo menos um não tem, não mais existe mundo.

Em outras palavras, Hans cai do cavalo, seu mundo desaba. Uma tarefa se impõe doravante para o menino: reconstruir um mundo, um mundo habitável, de tal modo que Lacan não hesita em falar de delírio a propósito da elaboração fantasmática de Hans. Para Freud, a angústia é sinal que dispara, assinalando a cada vez uma zona a não ser atravessada. O sujeito faz do espaço mundo, organizado por regras que o delimitam. É um espaço não euclidiano, furado, no qual se evidencia, como diz Lacan que, “Retornando ao espaço, ele parece fazer parte do inconsciente — estruturado como uma linguagem” (1972-3/1998, p. 122).

Por isto, Freud e Lacan prestam atenção aos circuitos que o menino percorre, aos entroncamentos possíveis e impossíveis entre os circuitos (dos cavalos, dos trens, meios de transporte em geral), pois é Hans que traça o caminho e guia, puxa o pai com sua questão: será que todo circuito leva de volta para a mãe, será possível embarcar com o pai noutro circuito mais amplo? Para ler o caso, além dos mapas e diagramas deixados por Freud e Lacan, é bom ter em mãos um bom e detalhado guia de Viena.

Portanto, Hans mapeia bordas, lugares possíveis e impossíveis no seu mito individual, tal como as sociedades estudadas pelos sociólogos e antropólogos fabricam mitos coletivos para fazer do espaço mundo: espaço sagrado, profano, interdito etc. Uma vez abalado o mundo edificado pelo universal fálico, a angústia se presentifica, mina indistintamente a realidade de Hans, pelo menos até que da angústia surjam os cavalos, trazendo com eles o medo de que possam morder, cair. O medo está ligado às ações predicadas por esses verbos, é medo desses cavalos que mordem, caem, mas os cavalos emergem da angústia, provêm de um anterior — a angústia — a qualquer predicação possível. É o que Aristóteles chamou de “apofântico”, o discurso cuja função é deixar ser e fazer ver algo como algo na medida em que se dá em conjunto com outro. Por isto, Lacan sublinha que Hans não tem medo de um cavalo, mas de cavalos, de um jogo mínimo de elementos, de significantes. É bastante pictórico, os cavalos surgem de um fundo não representável, na borda uma mancha preta, marca da angústia: na entrevista com Freud, Hans precisará do que tem medo — do preto em torno da boca dos cavalos. Um par de significantes desponha, permitindo a Hans abrir trajetos, construir um mundo minimamente habitável, tratar simbolicamente a coisa que veio morar ao seu lado, na borda do seu mundo: o gozo.

Segundo Nietzsche (1992), para fazer um mundo, é necessário um deus; para fazer uma tragédia, um herói; para fazer uma tragicomédia, um semideus. No seminário *RSI*, Lacan equipara a função do pai à de um “mi-dieu” ou “mi-dire”, semideus ou meio dizer, as transcrições registram as duas expressões.<sup>2</sup> Adotamos “semideus” porque a tragicomédia é a disposição por excelência do mundo contemporâneo, de um mundo desabitado pelos deuses e desprovido da noção de destino. Ora, é na medida em que o nome do pai não funciona para Hans que os cavalos, significantes sem sentido aos quais se pode atribuir qualquer sentido, lhe servirão para organizar o gozo presentificado pela mancha, resto olhar, resto voz, o *Krawall* — a algazarra, o tumulto das crianças gritando em Gmunden “wegen den Pferd”, “por causa do cavalo” o amiguinho Fritz caíra e se machucara. Antes de serem totêmicos para Freud, significantes para Lacan, os cavalos têm a ver com o registro da causalidade.

A função da fobia nesse jogo entre mundo e tumulto é explorada por Lacan (1956-7/1995) através da metáfora do cristal — objeto que se caracteriza por ser intermediário entre um agregado estatístico de moléculas e a própria estrutura molecular —, metáfora que retoma precisamente do Lévi-strauss da Estrutura

2 Eis o referido trecho traduzido: “Aquilo de que [ela] mulher se ocupa, é de outros objetos a que são as crianças junto às quais o pai porém intervém, excepcionalmente no bom caso, para manter na repressão, no justo semideus [mi-dieu], se vocês me permitem, a versão que lhe é própria de sua pai-versão, única garantia da sua função de pai, a qual é a função, a função do sintoma (Lacan, 1974-5, p. 74).

dos Mitos (1970). Para Lacan, o objeto fóbico cumpriria a função de um cristal numa solução supersaturada: se jogarmos açúcar por exemplo numa solução supersaturada, uma forma cristalina emergirá organizando a solução até que ela fique simplesmente saturada.

Na fobia, o desenvolvimento, o desdobramento sintomático é muito claramente coextensivo à resolução curativa. Freud, logo depois do encontro com Hans, no qual lhe enunciou o seu, de Freud, mito de Édipo, escreveu que “a possibilidade lhe tinha sido oferecida de trazer à tona suas produções inconscientes e desenvolver sua fobia” (1909/2006, p. 53). De fato, depois do encontro o caso começa a andar. Qual a eficácia da interpretação de Freud, sua afirmação de que o preto que causa medo são os bigodes e os óculos do pai? Besta, boba como qualquer interpretação, nos parece que fez com que cavalo deixasse de ser signo, acionou o valor de troca do significante, deu asas ao cavalo, abrindo para Hans a via da permutação significante.

De resto, o que ficou desses quatro meses de tratamento? Na fantasia que constrói, Hans reconhece a barreira entre as gerações, pois deixa o pai com a avô, ficando ele com a mãe. Terá, inventará crianças falos imaginários, filhos de seu sonho, da sua imaginação, à imagem dessa irmã que fantasia montada, senhora do cavalo no qual mete as esporas.

Se “Hans” é o pseudônimo de Herbert Graf, a criatividade é um fio que liga Herbert a Hans. Pois Herbert continuará a brincar os restos da sua análise: Freud tinha notado a acuidade do menino para distinguir sons, Herbert se tornará diretor de cena de ópera, profissão por ele mesmo inventada. Interrogado numa entrevista quanto à sua experiência como diretor, ele dirá que “Sempre achei que o diretor de cena é, ou deveria ser, o ‘homem invisível’ da ópera. A natureza do seu trabalho é ficar atrás do palco e deixar a luz se projetar sobre o trabalho em si” (Cosentino, 1998, p. 173).

No último parágrafo da discussão do caso, Freud escreve que “Nada aprendi de novo dessa análise, nada que eu não tenha sido capaz de descobrir (embora muitas vezes de maneira menos distinta e mais indiretamente) de outros pacientes analisados numa idade mais avançada” (1909/2006, p. 152). Teria Freud apenas marcado passo com esse caso? Ora, o tratamento certamente deixou restos fecundos para Freud, Herbert e para nós que, mais de cem anos depois da sua publicação, ainda o lemos e releemos por muito tempo.

### Referências Bibliográficas

Cosentino, J. (1998). *Angustia, fobia, despertar*. Buenos Aires: Eudeba.

- Freud, S.** (2006). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Em Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, (volume x, pp. 5-147). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909).
- Lacan, J.** (1995). *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário originalmente proferido em 1956/7).
- Lacan, J.** (1998). *O Seminário, livro 20: Mais, Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Seminário originalmente proferido em 1972-3).
- Lacan, J.** (2012). *RSI*. Recuperado de: <http://staferla.free.fr/S22/S22.htm> (Seminário originalmente proferido em 1974-5).
- Lévi-Strauss, C.** (1970). A Estrutura dos Mitos. In *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Lévi-Strauss, C.** (1989). *O Pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus.
- Nietzsche, F.** (1992). *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

Vidal, P. (2015). Sintoma e invenção no caso pequeno Hans de Freud. *Revista Affectio Societatis*, 12(23), 173-179. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>